Benba de Monaes,
I, 275

REFLEXÕES SOBRE A CONDUCTA

DO

PRINCIPE REGENTE

DE PORTUGAL,

REVISTAS, E CORREGIDAS

POR

FRANCISCO SOARES FRANCO.

COIMBRA,

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1808.

Com licença do Governo.

RPICB

LONDRES.

16 *de Outubro de* 1807.

HUM dos fenomenos caracteristicos da Revolução he, que depois de ter transtornado a *França*, ameaça a fazer o mesmo a Europa; mas isto he porque desde a sua origem nenhuma Potencia continental quiz prever as consequencias. Tem sido em vão o appresentar-lhes isto debaixo de diversas fórmas: a sua inadvertencia tem abysmado o poder da razão; a sua teima tem lutado contra a experiencia, e a sua tenacidade não pôde apartar-se dos prestigios que enganavão a sua fraqueza, senão depois que os Dominadores da *França* dilacerarão os seus Estados, e ordenárão que descessem dos Thronos para deitar-se na cama; então he que as Potencias comprehendêrão, que a continuação dos principios revolucionarios, e a sua existencia não podião ser contemporaneos. Advertidas da proximidade do perigo, quando o Tyranno estava perto de lhes penetrar o coração, os Reis abandonárão o seu primeiro erro para se mergulharem em outro mais vergonhoso, e de muito maior risco; mas a fraqueza que os tinha enganado no primeiro, os precipitou depois no segundo.

Este segundo erro foi de não quererem já mais proporcionar os meios da defeza aos meios do ataque; e de não quererem conceber, que a males extremos erão precisos extremos remedios; que nas disposições inauditas se não vencem os obstaculos, sem usar de meios extraordinarios, que despertem ao mesmo tempo a imaginação pela sua audacia, e resuscitem a confiança com hum animo vencedor de adversidades, e creador de meios immensos, taes como aquelles, que a desesperação, e o odio sabem crear.

Quizerão oppôr meios ordinarios a perigos, que a imaginação não tem podido conceber: tem sempre combatido com huma rotina, de que todos os baixos erão carunchosos, huma politica infernal, poderosa em maldades, cercada de crimes atrozes, que tirava do horror, com que ella abysmava o Universo, huma Potencia desconhecida neste Seculo de froxidão, e fraqueza: os inimigos da Europa tem fechado todos os caminhos, que podião offerecer huma marcha retrograda; tem cavado atraz de si hum

precipicio incommensuravel, que tem enchido de cadaveres, e de sangue, e he com a absoluta necessidade de vencer, e de destruir totalmente a Europa, que elles setem appresentado ao combate contra esses Reis affeminados, e esses Ministros da rotina, e da intriga já penetrados de terror, tristes, e desanimados pela sua propria fraqueza. Cada apparencia da revolução lhes tem parecido hum meio ditoso; porque amedrontados pela sua impotencia, e com tudo resolvidos a conservar os seus póstos, a que convinhão então almas d'outra tempra, contavão com meios dos acasos, e não com os meios de hum genio, que não tinhão, e de hum animo, que nunca tiverão.

Mas desde o anno de 1789 não tem havido huma só apparencia ou signal realmente favoravel; não tem havido hum só signal revolucionario, que deixando tudo á fortuna do acaso, pudesse por hum successo inesperado salvar aos Reis, que já não contavão sobre os seus meios, e que não aspiravão senão por milagres de huma Ressurreição, sem terem para a conseguir dado algum.

O Ceo lhes tem constantemente recusado estes prodigios, e elles tem ficado neste estado de humildade, em que esperão sempre, confundindo os desejos com esperança; e a esperança com realidade, e as quimeras por felicidade. A revolução nunca deixou de existir, ella tem tomado successivamente todas as fórmas que convinhão temporaneamente á *França* a fim de a mergulhar no furor, e no crime, e conseguintemente no que era necessario para destruir a Europa, e cubrilla de crimes, e de sangue. Este foi o principio de todas as mudanças, por onde tem passado progressivamente até á da necessidade de devorar a Europa, que veio a ser huma precisão da primeira necessidade: ella reunio todas as authoridades dispersas, que tinha successivamente produzido, e as reunio na mesma mão, e conseguio este poder absoluto, que tinha creado, e armado sobre o continente que queria dominar. Então appareceo *Bonaparte*; elle não fez a revolução, mas a revolução foi quem o fez; elle não a principiou, mas foi a consequencia della. Ella o domina, e póde destruillo, se elle cessasse hum momento de ser o flagello do mundo, e se contente da sua fortuna quizesse hoje descançar, e gozar della. O espirito infernal inspirou a escolha que se fez delle; porque as obrigações que lhe impuzerão, forão proprias, e consequentes com as suas inclinações, crearão-no para destruir, para assolar, para verter sangue, para des-

pojar, e cobrir a Europa de crimes, e de lagrimas; e as obrigações, que lhe impunhão erão deleites, e gostos para a alma mais atroz, mais perfida, e mais cruel, que ja mais abysmou o Universo.

Tal foi esta ultima mudança da revolução, de que os estupidos gabinetes da Europa concebêrão huma alegria, que passou a delirio. Ditosos de verem huma Corôa sobre a cabeça de hum Cidadão de *Ajacio*, contentes de olharem com hum Sceptro este homem que vírão na frente dos Terroristas, quando foi á reconquista de *Toulon* degolando com a sua mão os Realistas que encontrava; este homem que depois se vio enganar o povo de *Pariz*, e que se sabia ter sido maneatado como hum bebedor de sangue, depois do dia 9 de Julho: os Reis da Europa satisfeitos de vêr levantar-se hum Throno para este monstro, que tinha passado a sua vida a temer o cadafalso, e a merecello; se persuadírão, que este novo Irmão, que a revolução lhes tinha dado com o manto Real, tomaria tambem o espirito dos Reis do Seculo, e contentes da sua fortuna e da fraternidade, que se lhe communicou de toda a parte, elle consentiria cahir na molleza, e gosaria do seu Imperio com a incuria e abandonamento destes Reis, de quem se fazia igual.

Os Reis da Europa não percebêrão a principio, que não era para ficar seu igual, que a revolução elevava hum Throno a este monstro; mas que era para lhes dar hum Senhor, que a revolução concentrando o seu podêr, o armava para chefe de hum podêr absoluto.

He o que elles não percebêrão, e que *Bonaparte* lhes tem ensinado: elles o sabem hoje, e ei-los ahi perdidos no delirio do mêdo, e incuravelmente mergulhados nos abysmos da sua fraqueza oppondo ás mais espantosas crises, novas fraquezas, e pequenas intrigas, que enganarião apenas a sagacidade de hum praticante das suas Secretarias. Elles fazem a paz; pedem a paz; ficão neutros; em fim lisongeão o Tyranno que aborrecem: estão algumas vezes duvidosos do que hão-de seguir; o Tyranno lhes falla ferózmente; logo se desdizem do que tinhão dito, e se prostrão a seus pés, esperando que o excesso do seu abatimento venha a ser diante delle o penhor da sua submissão.

Não podem comprehender que *Bonaparte* não lhe póde conceder a paz, que pedem. Elle não foi creado para a paz, não existe se não para a guerra; e no meio destas humiliações o Tyranno aprende a conhecellos; e o que vê, quando chega a

elles, excede a sua esperança. Elle não podia crer os seus Ministros, mas tem visto estes Reis, e os accredita pelos seus olhos. E he depois de se lhe manifestarem, que esperão a paz? Que notavel delirio! E assim nada embaraça a marcha do Tyranno; elle calcula as suas epocas, e as fixa; e todos estes Reis espirarião de terror, se pudessem penetrar o gabinete de seu amo. Verião sua sorte escrita pela sua mão, e saberião quantos dias lhes restarião de vida, e a hora em que cessarião de existir.

Neste estado pasmoso, em que a conducta dos Reis tem embrulhado a desgraçada Europa, serião desculpaveis de terem tudo perdido; mas o Ceo, que condemna huma igual desesperação, tem permittido, que existão na Europa tres Reis, que seguindo nos nossos tempos modernos as antigas virtudes dos Reis, que não existem se não na historia, nos digão que há ainda almas grandes, e por conseguinte poderosos meios de combater o Tyranno, e de maquinar o resgate da Europa. A ancora da esperança da Europa he a *Inglaterra*: o caracter do seu Rei nunca se abateo diante de accumulados obstaculos. Poderoso pela Constituição nacional, elle nunca se domou senão diante della. Assim se acha revestido por ella mesma, de todo o podêr da Nação Britannica, de toda a energia que a liberdade dá a hum grande Povo, que não prodiga nem os seus empenhos, nem os seus elogios, mas do qual o affecto, huma vez conseguido, he indestructivel. Eis-ahi o baluarte que o Ceo levantou contra o Tyranno da Europa; dahi veio este odio furioso do Tyranno contra a *Inglaterra*. Elle sabe que esta grande Nação armada de huma Constituição á prova das tempestades, e dos seculos, não póde ser humilhada, nem enganada. A necessidade de a anniquillar, e a impotencia de o conseguir, fazem provar e mastigar o Tyranno todos os tormentos da raiva. Na impossibilidade de devastar a *Inglaterra*, enfurece-se contra todos os Alliados della.

Estes Alliados, sobre os quaes elle expende ao presente o seu furor, tem sabido tirar de seus perigos, e de seus meios os recursos do animo, e do genio, e são os dous Reis da Europa, os mais fracos em Territorio, que ensinão a estes grandes Reis, hoje prostrados debaixo do Throno de *Bonaparte*, que recursos tira hum grande coração da sua desesperação, e como, quando se despreza a morte, se conserva o seu podêr, e se segura a gloria.

A posição da *Suecia*, e a de *Portugal* são essencialmente differentes em meios, e em recursos; mas os Reis destes dous es-

tados, habeis a abraçar os que dão as suas localidades, appresentão á Europa o maior e mais bello espectaculo, qual he do animo reunido ao talento, que affronta o perigo, e que não conhece se não o de se invilecer.

Gustavo, habitante na extremidade da Europa, Senhor destes Paizes, donde partirão seus Predecessores para libertar o Universo da Tyrannia dos *Romanos*, não tem outra esperança, se não a do seu valor, e outros meios, se não os de huma Nação fiel, e levada pela honra, e para a honra; elle deve defender não sómente a herança dos *Gustavos*, mas tambem a honra que lhe transmittirão; e esta terra, que creou os Heroes da sua Progenie, deve offerecer-lhe hum Throno, ou huma sepultura. *Bonaparte* não invilicerá este, nem por vergonhosa paz, nem por ignominiosos despojos; elle não o fará nem Vassallo, nem complice, e o verá viver, e morrer como Rei; e *Gustavo* lhe ensinará a conhecer de que elementos se compunha em outro tempo o caracter de hum Rei. O *Principe do Brazil* se acha em hum partido absolutamente differente, e por isso tem habilmente abraçado as suas vantagens; e a magnanimidade das suas resoluções annuncía tanta sagacidade, como caracter.

O *Portugal*, estado fraco, e á disposição de seus visinhos, não he mais que hum accessorio da potencia Portugueza. *Portugal* foi o berço dos Heroes, que lhe creárão hum vasto dominio no Universo; elles previrão, que a posição de *Portugal* lhe arrostaria huma especie de dependencia; sua grande alma não podendo supporta-la. Libertarão a sua Patria estabelecendo os principios da sua Potencia, longe do Paiz em que nascêrão. He no *Brazil* que *Portugal* he huma potencia, e he no *Brazil*, que existe o seu inexpugnavel baluarte contra a tyrannia da Europa; he no *Brazil*, que libertado da tyrannia de *Bonaparte*, e da ignominia da *Hespanha*, elle póde punillos, hum dos seus crimes, e outro de sua fraqueza, e vingar-se de todos os males, que hum e outro terão querido accumular sobre *Portugal*, e se considerárão muito felizes de lhe offerecer a paz para extinguir seus resentimentos. Não, neste seculo em que cada hum nos appresenta novas vergonhas, e novas baixezas, eu não conheço resolução maior, mais magnanima, nem mais util em todos os seus resultados, que esta do *Principe do Brazil*.

O Principe do Brazil cançado pelas proposições execraveis do mais execravel Tyranno, que lhe ordena, que feche seus Portos a seu Alliado o mais fiel, e mais seguro; que esgote seus

Thesouros para encher os do seu inimigo; que se mãnche com a infamia de prender os *Inglezes* que vivião debaixo da sua guarda em seus Estados, e de roubar as suas propriedades; quer finalmente armallo contra a *Inglaterra*; o *Principe do Brazil* examina de hum golpe de vista donde vem a *Bonaparte* a audacia de lhe fazer proposições, que hum Rei não deve já mais ouvir; e conhece que a posição de *Portugal* he a base da insolencia do seu inimigo; conhece ao mesmo tempo o perigo, e as consequencias; he o *Brazil* a quem elle vai confiar a sua honra, a sua segurança, sua gloria, e a do nome *Portuguez*.

Eis-ahi huma grande e bella resolução! He assim que os Reis são verdadeiramente os defensores dos seus Póvos, e os libertadores da sua Patria. Em fim eis-ahi hum Rei .... Era permittido pensar, que já os não havia. Mas *Gustavo*, e o *Principe do Brazil* mostrão ao mesmo tempo o animo a todos os corações, e a esperança a todas as almas.

Hum só perigo se confessa, e nos assusta; he o temor de que o *Principe do Brazil* não seja victima de novos enganos do Tyranno. Huma semelhante resolução terá penetrado *Bonaparte* de admiração, e de susto. Esta voz que se eleva no meio da Europa degradada; esta lingoagem real no meio destes Reis, que se calcão, e que se invilecem, terá produzido sobre *Bonaparte* dous effeitos; o primeiro, a vontade de impedir o *Principe do Brazil* de executar este novo projecto: o segundo, a resolução de abraçar o momento de o exterminar; porque hum *Principe*, que tem manifestado taes sentimentos, não póde já reinar, nem viver em quanto *Bonaparte* existe.

Para conseguir o successo destas duas resoluções não ha senão hum meio, que he o de modificar as proposições que tem disputado hum animo, que o Tyranno não suspeitava, a fim de o acalmar, e de o adormecer em huma fatal segurança; e quando o conseguir, atacar antes de ameaçar, e de invadir repentinamente os estados de *Portugal*, e de se apoderar da Pessoa do *Principe*; e isto ao tempo, que a execução do plano projectado para o *Brazil* vinha a ser impraticavel.

Quanto sería feliz, que o magnanimo *Principe do Brazil* se persuadisse de huma grande verdade: que não será já mais impunemente, que se annunciará a *Bonaparte* hum grande caracter, e huma grande resolução.

O Principe que se manifesta assim a este Tyranno, deve

ter previsto os resultados; e para prever he preciso conhecer o fundo á Alma de *Bonaparte*; he preciso ter o animo de penetrar neste reparo pasmoso. He, nós o confessamos, descer aos Infernos, mas he necessario como *Hercules*, saber lá penetrar, e tornar a sahir.

Bonaparte não póde, e na sua posição não deve permittir, na Europa a existencia de hum Principe, que lhe annuncia hum caracter, que produz forças contra a tyrannía, ella deve destrui-lo, *Bonaparte* conhece de hum golpe de vista o que será para a *America* esta nobre emigração de hum Rei de *Portugal*, seguido de seus Vassallos fieis, indo a mostrar a estes Póvos do *Novo Mundo* hum Rei da Europa, que vem residir no meio delles, para fugir ao invelicimento, e á tyrannía, e abandonando esta Europa que veio a ser hum verdadeiro asylo de ignominia debaixo do Sceptro de hum *Corso*.

Bonaparte percebe o que para o futuro, hum Rei de *Portugal* residente no *Brazil*, será para a *America*: elle sabe que a *Hespanha* he hoje na *America*; sabe que da vergonha de lhe obedecer se não livra, sem escapar-se da sua dominação; sabe o que será a *America* debaixo da influencia *Portugueza*, e que virá depois a ser a victima dos seus furores, e insultos, esta desgraçada *Hespanha* (1) que actualmente se acha curvada debaixo da tyrannia de hum subalterno Tyranno, que a protege só para invilicer ao mesmo tempo o Rei e a Nação!

Bonaparte terá previsto isso mesmo, logo que a magnanima resolução do *Principe do Brazil* lhe for manifestada, e nesse mesmo dia decretará a ruina de *Portugal*, e do mesmo *Principe*.

Por tanto não ha mais que hum partido a tomar, que he de executar esta magnanima, e sábia resolução, quaesquer que sejão as proposições de *Bonaparte*.

Executando-a o *Principe do Brazil*, offerece a *Portugal* a unica esperança da sua salvação; he do *Brazil* que a sua influencia o defenderá, se elle póde ser defendido. He deixando a *Portugal* com hum Vice-Rei a quem dará a representação no ponto de apoio necessario para impôr ao Tyranno. Não resta ao *Principe do Brazil* se não tomar este partido.

Se elle se curva debaixo das promessas do Tyranno; se de-

---

(1) Quão diversa he hoje a *Hespanha* do que foi ha seis mezes; grandes Heroes, e hum grande Povo fazem o espanto, e a admiração da Europa, e vão quebrando em pedaços o Sceptro da Tyrannia.

C 808
F825n
81-76
Ramer
1-16-81

fere a execução do seu projecto; se aceita as modificações, então está perdido: elle tem ensinado *Bonaparte* a conhecello, e isto não póde ser impunemente: depois de huma resolução tão magnanima, e tão sábia, não tem outro partido que tomar se não o de executallo sem attenção ás promessas de *Bonaparte*.

Se o *Principe do Brazil* quizesse ainda ficar em *Portugal*, devia ter occultado o seu segredo a *Bonaparte*; mas agora que elle he conhecido do Tyranno, he preciso que os factos correspondão á palavra, ou está perdido.

Vende-se em *Coimbra* na Loge de *Francisco de Assís e Fonseca.*
no *Porto* na de *Manoel Alves da Costa Paiva, e filho.*
em *Lamego* na de *Manoel de Lemos.*
em *Braga* na de *Joaquim José Ferreira de Castro, e Irmão.*
em *Viseu* na de *João Pedro Caldeira.*

C808
F825r